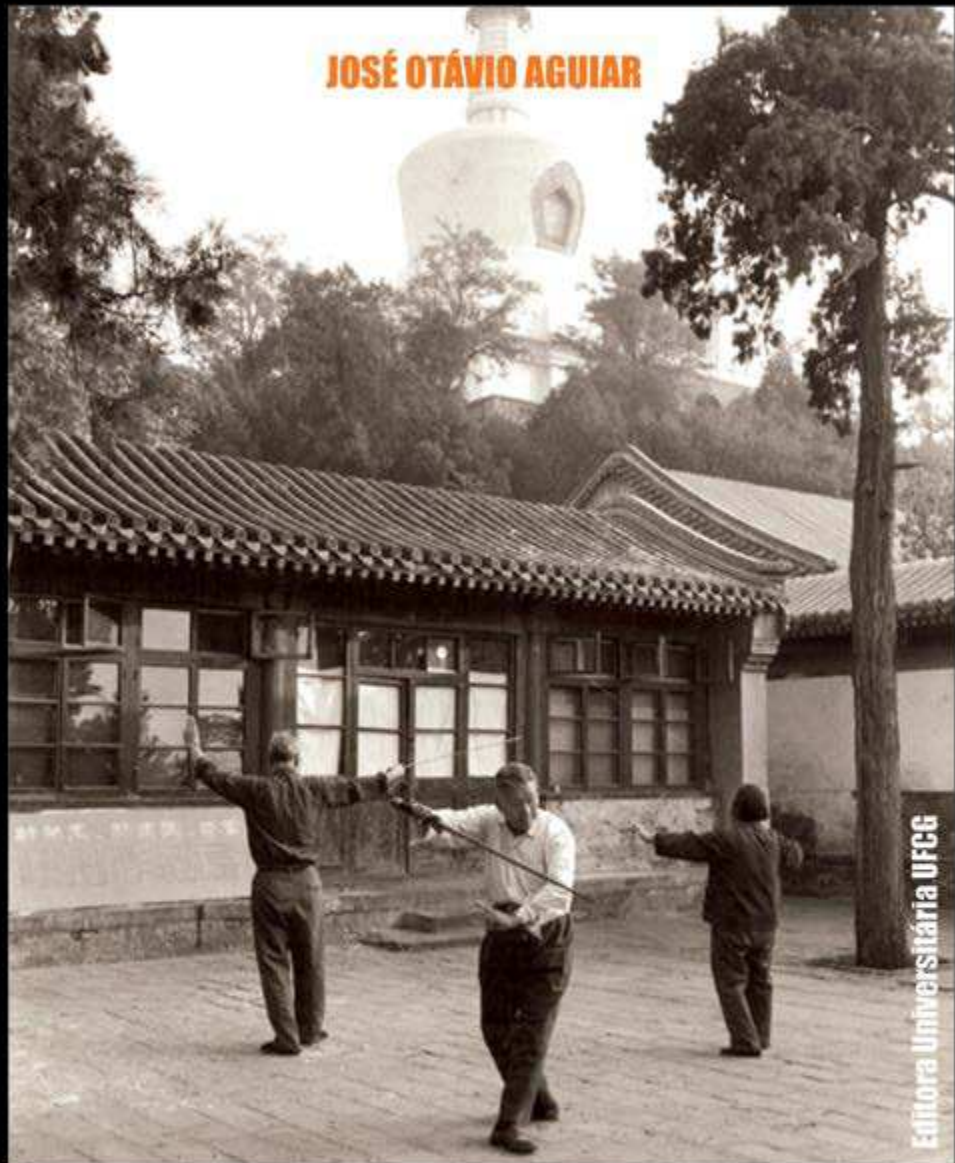


**JOSÉ OTÁVIO AGUIAR**



Editora Universitária UFCC

# **ENTRE O KATI E O NIRVANA:**

**Budismo, arte marcial e ascese em uma breve história das técnicas marciais do Mosteiro de Shaolin ( séc. XVI a XIX)**

2ª edição

**Jose Otávio Aguiar**

# **ENTRE O KATI E O NIRVANA:**

BUDISMO, ARTE MARCIAL E ASCESE EM UMA BREVE HISTÓRIA DAS  
TÉCNICAS MARCIAIS DO MOSTEIRO DE SHAOLIN ( SÉC. XVI A XIX)

2ª Edição

 **EDUFCG**  
Campina Grande - PB

2022

A282e Aguiar, José Otávio.  
Entre o kati e o nirvana [recurso eletrônico]: budismo, arte marcial e ascese em uma breve história das técnicas marciais do Mosteiro de Shaolin (séc. XVI a XIX) / José Otávio Aguiar. – 2. ed. – Campina Grande: EDUEG, 2022.  
59 p.

E-book (PDF)  
ISBN 978-65-86302-59-2

1. História da Ásia. 2. História do Leste Asiático. 3. História da Arte Marcial Chinesa. 4. História da Migração Chinesa – Brasil. 5. Budismo. I. Mosteiro de Shaolin, séc. XVI a XIX. II. Título.

CDU 94(5)

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECÁRIA SEVERINA SUELI DA SILVA OLIVEIRA CRB-15225

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - EDUEG  
editoradaufcg@gmail.com

Prof. Dr. Antônio Fernandes Filho  
**Reitor**

Prof. Dr. Mario Eduardo Rangel Moreira Cavalcanti Mata  
**Vice-Reitor**

Prof. Dr. Patrício Borges Maracajá  
**Diretor Administrativo da Editora da UFCE**

Rodrigo Wolff Apolloni  
**Revisão**

Rodrigo Wolff Apolloni  
**Capa**

Yasmine Lima  
**Diagramação**

**CONSELHO EDITORIAL**

Anubes Pereira de Castro (CFP)  
Benedito Antônio Luciano (CEEI)  
Erivaldo Moreira Barbosa (CCJS)  
Janiro da Costa Rego (CTRN)  
Marisa de Oliveira Apolinário (CES)  
Marcelo Bezerra Grilo (CCT)  
Naelza de Araújo Wanderley (CSTR)  
Railene Hérica Carlos Rocha (CCTA)  
Rogério Humberto Zeferino (CH)  
Valéria Andrade (CDSA)

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO - UM PORTAL PARA A CHINA.....	7
PRIMEIRAS PALAVRAS .....	9
UMA BREVE HISTÓRIA DE SHAOLIN .....	19
DA RELAÇÃO ENTRE MARCIALIDADE E BUDISMO .....	27
SOBRE OS BOXERS .....	33
SISTEMAS E SEQUÊNCIAS CRIADAS POR MONGES E TÉCNICAS INSPIRADAS NO MOVIMENTO DOS ANIMAIS .....	39
ALGUMAS DIFERENÇAS PONTUAIS ENTRE OS ESTILOS DO NORTE E DO SUL DA CHINA .....	43
AINDA SOBRE O NORTE E O SUL.....	47
AS ARMAS E O WU SHU.....	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	51
GLOSSÁRIO.....	55
REFERÊNCIAS .....	57

# APRESENTAÇÃO

## UM PORTAL PARA A CHINA

*Rodrigo Wolff Apolloni*<sup>1</sup>

Uma nação construída a partir de filosofias de paz eterna, equilíbrio e ética de gestão. E que, ainda assim, enfrentou muitas guerras internas, desequilíbrios e a sanha de governantes corruptos e cruéis.

Uma civilização que fundiu religiões de uma forma única e que, mesmo assim, conheceu rebeliões de fundo sectário e movimentos iconoclastas arrasadores.

Um país que é uma potência econômica e militar, mas que, ainda assim, parece preferir a discrição e uma “conquista silenciosa” do mundo.

Que “come pelas beiradas”, mas que, mesmo assim, há milênios se percebe como o centro do mundo.

Que é, a um só tempo, “comunista”, repleto de conselhos e câmaras públicas, e francamente “capitalista”, com listas crescentes de milionários e bilionários.

Um verdadeiro enigma!

---

[1]. Doutor em Sociologia (UFPR), pós-doutorando em História pela UFCG, professor de Tai-Chi-Chuan e Esgrima Chinesa do Centro Ásia, em Curitiba, e pesquisador do universo marcial chinês. Contato: [rwapolloni@gmail.com](mailto:rwapolloni@gmail.com).

Estamos falando, é claro, da China, a mais longeva das civilizações, que, paradoxalmente, esteve muitas vezes à beira do desaparecimento. Um país que encanta e gera suspeitas – fundadas e, principalmente, infundadas. E que, por não se dar a conhecer por inteiro (até por ser um mundo em si), acabou se tornando um alvo ideal de difusores de notícias falsas e de ódio.

O caminho para a compreensão da China, assim como para a construção de um quadro mental mais crítico e preciso a seu respeito, passa, evidentemente, pelo estudo. E nada melhor do que começar esse estudo, do que fazer essa aproximação, a partir daquelas portas chinesas que se abrem lindamente ao mundo. Casos, por exemplo, da alimentação, do cinema, das belas artes e, é claro, das artes marciais – o famoso “Kung-Fu” –, que há mais de sessenta anos chegaram ao Brasil pelas mãos de mestres originários e conquistaram uma legião de praticantes.

E é exatamente esse o caminho adotado por José Otávio Aguiar nesta obra, que acaba de ganhar uma bem-vinda reedição. A partir das artes marciais chinesas, ele visita momentos e olhares da “Sinofera”, apresentando aos seus leitores personagens e contextos da maior importância. Seu foco é, justamente, um dos elementos mais brilhantes do desfile civilizatório chinês: a relação entre as religiões e as técnicas de combate, que tem em Shaolin seu berço e seu palco.

O autor, que é um praticante apaixonado de Kung-Fu, assume a missão de apresentar ainda alguns dos principais estilos, e também de referenciar a panóplia chinesa. E faz isso com grande competência.

Uma obra, enfim, merecedora de uma leitura atenta, tanto pelos próprios praticantes de Kung-Fu quanto por todos os interessados na China. Que nós, como amantes da própria civilização chinesa e de suas artes marciais, recomendamos vivamente.

## PRIMEIRAS PALAVRAS



**E** studioso da tradição Shaolin do Norte, veiculada no Brasil a partir da influência do Grão Mestre Chan Kowk Wai, comecei a me interessar muito cedo pela história das artes marciais. Historiador dedicado aos séculos XVIII e XIX no Brasil, tenho, desde há alguns anos, publicado trabalhos que se debruçam sobre questões ligadas às sociedades indígenas e à História Ambiental, seja nos biomas de Mata Atlântica do Leste de Minas Gerais, ou nas regiões marcadas pelo clima semiárido, ao longo das bacias fluviais do cariri histórico e do Nordeste interior. Meu interesse pela China é também antigo, remonta à infância quando pela primeira vez entrei em contato com uma arte marcial.

Em verdade não falo de um lugar distante, uma vez que sou também assíduo leitor dos clássicos religiosos taoístas e budistas, bem como interessado praticante de Kung Fu e Tai-Chi. Entretanto, só recentemente, constatando relativa ausência de bibliografia, me decidi a dedicar uma pequena brochura à história da Arte Marcial Chinesa.

Sigo, assim, a tradição de me dedicar a objetos que me atraem e se imiscuem em questões prementes em meu tempo. Pressionados que hoje somos, os ocidentais, por uma crescente imposição de racionalidade – que deita raízes no estabelecimento do modelo capitalista inglês e da racionalidade individualista e pragmática da sociedade de consumo – talvez, por isso, hoje busquemos algo dessa virtude guerreira, dessa utopia de mundo dos chineses antigos. Como já havia dito Marc Bloch, em seu famoso *Métier D´Historien*, a história é sempre filha do seu tempo. O crescimento econômico da China atual tem veiculado, diariamente, informações variadas sobre sua cultura milenar, que originaram uma demanda por material didático. Mais particularmente, no cinema, o tema da arte marcial chinesa tem ocupado papel de destaque nos últimos anos.

O mosteiro budista de Shaolin, fundado nos últimos anos do século V d.C. no monte Song, na província de Henan, ficou famoso internacionalmente pelas disciplinas espirituais e físicas que caracterizavam as práticas marciais e medicinais de seus monges. Modernamente, o cinema Norte Americano contribuiu para a difusão de alguns mitos sobre artes legatárias do templo.

A maioria dos brasileiros conhece muito pouco a respeito dessas técnicas e isso não é de se estranhar, até, porque, ao longo do século XX, vivemos uma relação bem mais próxima com a cultura japonesa e com suas artes marciais mais conhecidas e populares como o Judô e o Karatê. Isso ocorreu, primeiro, na Re-

gião Sudeste, e, depois, com a dispersão da influência cultural da imigração japonesa, por praticamente todo o território Nacional.

Foi a partir da década dos anos de 1960 e das diversas levas de Migração chinesa recente, concentradas, principalmente, no Estado de São Paulo, bem como, da divulgação pelo cinema, e, mais tarde, pela TV, dos filmes de Bruce Lee ou da famosa série Kung Fu, estrelada por David Caradine, que alguns aspectos da marcialidade chinesa passaram a ser conhecidos entre nós.

Este pequeno livro não pretende ser a reunião de dados de uma pesquisa empírica vasta e elucidativa. Antes, porém, pretendi aqui suprir uma carência, atender a uma demanda imediata e premente. Considerando o papel essencial desempenhado pela arte marcial na sociedade chinesa clássica, constatando a ausência de um resumo introdutório que desse conta da historiografia que aborda o tema, bem como, a lacuna didática nos cursos de graduação em história, pretendi escrever uma introdução ao estudo da sociedade chinesa a partir do Wu Shu. **Wushu** (武術 ou 武术; pinyin: wǔshù) é um vocábulo chinês que, literalmente, significa arte marcial. Numa tradução mais literal, entretanto, o significado da expressão Wu Shu, para os chineses é “parar as armas”. Assim, as artes que envolvem as técnicas de guerra têm, por função essencial, evitar a guerra. São artes profiláticas. Previnem em nós mesmos a violência. Ajudam o Estado a manter a paz e asseguram tanto a defesa pessoal quanto a soberania nacional. Captando este espírito bem caro ao nacionalismo chinês do século XX, poderíamos também observar que, na China, o termo *Kuo Shu*, que significa *arte nacional*, também é usado, na acepção de arte marcial. A expressão Zheng Zong (正宗) significa “tradicional”, ou mais precisamente, “original”, mas não é nem representa um estilo em especial e sim um ideal, de recuperação de reminiscências das técnicas tradicionais e de suas seqüências e aplicações.



Já, no Ocidente, talvez devido a uma pronúncia mal interpretada surgida nos EUA a partir da observação de filmes de Bruce Lee, o termo Kung Fu \_ tempo de Habilidade –, devido à grande influência do cinema, acabou por predominar. Lembremo-nos novamente da série encenada por David Caradine e exibida nos anos de 1970 nos EUA que tinha este nome. **Kung Fu** (功夫, Pin Yin: kung fu), é uma palavra chinesa coloquial que pode significar “Tempo de habilidade” ou “Trabalho Duro”, técnica obtida através de árduo esforço. O termo, que tem origem no dialeto cantonês, não era muito popular até a segunda metade do século XX, e, com muita raridade, o encontramos em textos chineses antigos. Acredita-se que, no Ocidente, a palavra foi usada pela primeira vez no século XVIII, pelo missionário jesuíta francês Jean Joseph Marie Amiot, o primeiro tradutor francês do clássico *A Arte da Guerra*, de Sun Tzu, um general da época dos Estados Combatentes.<sup>2</sup>

Na China, a arte marcial ocupa um papel essencial, por ser a partir dela que boa parte dos códigos sociais e culturais são veiculados. Essencialmente, pode-se subdividir as escolas de Wu Shu em dois grandes grupos: **Waijia** ou escola externa, e **Neijia** ou escola interna. Na primeira se inclui a maior parte dos estilos cuja tradição faz legatários de determinado templo ou região da China. O mais famoso representante dessa tradição foi o mosteiro budista de Shaolin. Já a segunda se tornou mais famosa partindo do templo do Monte Wudang, centro que enfatizava estilos tradicionais de influência taoísta, alguns muito famosos no Ocidente, como o Pa Kua Chang (Baguazhang), Hsing-I Chuan (xingyiquan)

---

[2]. Sobre os vocábulos em mandarim e sua significação atual, veja: Dicionário Português-Chinês—livro de bolso, 2.ª edição. A maioria dos termos aqui referenciados e traduzidos são provenientes do idioma cantonês e não encontram tradução fácil em obras de referências no Brasil. A maioria dos mestres que vieram para o Brasil, entretanto, são falantes de cantonês. Muitas informações aqui reunidas foram coletadas através de diálogos com esses mestres. Dentre eles, sou especialmente grato aos Mestres Fanthum, de Belo Horizonte, e ao Grão Mestre Chan Kowk Wai, de São Paulo.

e, mais conhecido de todos, porque, largamente difundido no mundo \_ graças, em parte, à emigração que se seguiu às perseguições subsequentes à revolução cultural nos anos de 1960 – o Tai Chi Chuan (taijiquan ou boxe do grau supremo).

Recorrendo a um dicionário latino e reportando-nos, para efeito de comparação, à tradição ocidental, descobrimos que o vocábulo guerra teve origem no alemão arcaico *werra*, que guarda o significado de discórdia, combate, enfrentamento. Paz é uma palavra que se origina do latim *pax*, de um verbo cujo particípio é *pactus*, dando a entender o pacto celebrado entre os beligerantes para fazer cessar o estado de guerra. A etimologia das duas palavras explica o inter-relacionamento que permeia a dicotomia paz/guerra, na qual a guerra é o termo forte e a paz, por isso mesmo, é usualmente definida e semantizada como ausência de guerra.

Na análise da vida internacional, em contraste com o que ocorre no plano interno, no qual o termo forte é ordem (pois a desordem é a falta de ordem), a prevalência da guerra sobre a paz é o pressuposto do que aqui prefiro chamar de realismo político.

Este, corrobora a leitura do filósofo político inglês Thomas Hobbes, para quem o sistema internacional, na inexistência de um pacto dotado de poder, corresponde à anarquia do estado de natureza da guerra de todos contra todos. Na anarquia do estado de natureza a paz é vista como um precário arranjo, fruto da prudência ou do expediente. Daí a recomendação do ditado latino: “Se queres a paz, prepara-te para a guerra.”

Sem que aqui nos reportemos aos teóricos da Guerra Chineses, tarefa esta já, em parte, encetada por uma série de historiadores e cientistas políticos interessados nos desdobramentos dos conceitos e preceitos de Sun Tzu, pretendo, aqui, me concentrar, especificamente, no Mosteiro de Shaolin e nas técnicas marciais que, conforme transmitido pela tradição oral e confirmado por

uma historiografia recente, parecem lá terem-se originado ou sistematizado.

Assim, no primeiro tópico, tratarei de estabelecer uma síntese da historiografia que abordou o tema, limitando-me, na medida do possível, àquilo que se encontra disponível em português. Nos dois tópicos seguintes, concentrar-me-ei, respectivamente, na relação entre budismo e marcialidade e nas características específicas da arte marcial chinesa.

Cumprindo simultaneamente as funções de instância física a partir da qual exercemos poder sobre mundo natural, e meio de interação com o universo do social, o corpo foi e é objeto das mais diversas estratégias disciplinares. Adaptá-lo ao tipo de função que deve exercer é um sonho que sempre povoou o imaginário daqueles que fizeram a guerra e organizaram os esportes, bem como dos que desejaram, modernamente, regular e moldar comportamentos, visando ao aumento da produção. Desejamos, aqui, encarar as artes da guerra na condição de mais um desses saberes disciplinadores do corpo. Nossa pergunta inicial seria: por que razão o Kung Fu Shaolin atrai a atenção dos homens do século XXI? O que, hoje, se busca em uma disciplina budista tão antiga? Seria essa disciplina tão budista assim? Quais as fronteiras entre o Budismo e a marcialidade?

Por motivos didáticos, expomos, aqui, um quadro cronológico com a seqüência de dinastias chinesas.<sup>3</sup> Limitamo-nos, entretanto, às referências aos períodos a que nos reportamos ao longo

[3]. Cf. APOLLONI, Rodrigo Wolff. **Shaolin à brasileira**: estudo sobre a presença e a transformação de elementos religiosos orientais no kung fu praticado no Brasil. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 2004 (Dissertação de Mestrado). Os dados da tabela foram utilizados pelo autor baseado em <[http://www.chaos.umd.edu/history/time\\_line.html](http://www.chaos.umd.edu/history/time_line.html)> (c. 12.08.2004). Ele considera a determinação dos períodos históricos chineses com base na ascensão e queda das dinastias e no início do regime republicano fundamental para a compreensão da história da China e para iniciar o estudo específico do tema proposto.

do texto. Essa seqüência se faz necessária por motivo de organização, uma vez que o texto faz uma opção pela análise, atraindo a atenção dos leitores para as questões-problema sugeridas pela leitura de uma bibliografia que ainda se encontra em idioma Inglês, mas, partido do pressuposto de que se conheça o mínimo de referências históricas a respeito dos períodos dinásticos mencionados.

**TABELA 1 – CRONOLOGIA DAS DINASTIAS E DO PERÍODO REPUBLICANO CHINÊS**

Dinastia	Dinastia Período Republicano
商 (1) Shang 1750 a 1050 a.C.	唐 (8) Tang 618 a 907
周 (2) Chou 1050 a 221 a.C.	五代十國 (9) Cinco Dinastias e Dez Reinos 907 a 960
秦 (3) Ch'in 221 a 207 a.C.	宋 (10) Song 960 a 1279
漢 (4) Han 206 a.C. a 221 d.C.	元 (11) Yuan 1279 a 1368
三國 (5) Três Reinos 221 a 280	明 (12) Ming 1368 a 1644
新 (6) Chin 280 a 420	清 (13) Qing 1644 a 1911
隋 (7) Sul 420 a 617	中華民國 (14) República da China 1911 a 1949  中華人民共和國 (15-a) República Popular da China 1949 ao séc. XXI  中華民國 (15-b) República da China/Taiwan 1949 ao séc. XXI



TABELA 2--"LINHA DO TEMPO" DAS ARTES MARCIAIS CHINESAS

Fase	Epoca	Fato Relevante	
Pré-Shaolin	1500 a 1122 a.C.	Dinastia Shang. Espadas, lanças, punhais e machados de bronze. Primeiros registros de prática marcial na China.	
	1000 a.C.	Dinastia Chou. Representações, em peças de bronze, de figuras humanas em posturas de combate.	
	722 a 481 a.C.	Registro de práticas marciais no "Livro dos Ritos" e nos "Anais da Primavera e Outono". Lao Tzu escreve o clássico taoísta <i>Tao-Te-Ching</i> . Na obra, condena o uso das armas.	
	403 a 221 a.C.	"Era dos Reinos Combatentes". Sun Tzu escreve a obra "Os 13 Momentos".	
	206 a.C. a 220 d.C.	Registros sobre o <i>shoubo</i> e <i>jueli</i> , formas de luta e pugilismo. Aproximação entre conceitos taoístas, confucionistas e budistas nas práticas religiosas e corporais. "Origem religiosa" do Kung-Fu.	
	64	Fundação do primeiro mosteiro budista chinês, o <i>Bai Ma</i> ("Cavalo Branco").	
	136 a 208	O médico taoísta Hua To cria os "Jogos dos Cinco Animais".	
	402	Fundação, segundo a tradição, da <i>Pai-len She</i> ("Sociedade do Lótus Branco").	
	Shaolin	495	Fundação, próximo de Luoyang (Henan), do mosteiro de Shaolin.
		610 a 621	Bandoleiros atacam Shaolin: início da relação entre os monges e a marcialidade. Os monges de Shaolin participam da campanha de Li Shimin contra Wang Shichong, que foi determinante para a implantação da Dinastia Tang.
1515		O <i>scholar</i> Du Mu redescobre a "Estela do Mosteiro de Shaolin".	
1553		Participação de "tropas monásticas" em campanhas antipirataria em Zhejiang.	
1621		Cheng Zongyou publica a "Exposição sobre o Método Original de Bastão de Shaolin".	
Séc. XVI		Aparecimento de artistas marciais itinerantes na China.	
Séc. XVII		Desenvolvimento, em Chenjagou (Henan), do estilo <i>Tai-Chi-Chuan</i> .	
Séc. XVIII		Desenvolvimento, em Henan e Shanxi, dos estilos <i>Hsing I Chuan</i> e <i>Pa Kua Chuan</i> . Criação da <i>Tiandhui</i> ("Sociedade do Céu e da Terra"). Disseminação da lenda dos "monges fundadores da Triade". Segundo a tradição marcial, inúmeros destroem os mosteiros de Shaolin em Henan e Fujian.	

Pós-Shaolin	1900	Rebelião dos Boxers. Derrota do movimento sectário chinês.
	1917	Mao Tsé-Tung escreve o ensaio "Um Estudo sobre a Cultura Física".
	Anos 20	Movimento de resgate e institucionalização das artes marciais. Criação de institutos e realização de competições. Em 1928, incêndio no Mosteiro de Shaolin.
	1949	Comunistas chegam ao poder na China. Fuga de mestres do país.
	1954	"Estandarização" dos sistemas marciais na República Popular da China. Criação do moderno <i>Wushu</i> .
	Anos 60	Revolução Cultural China. Nova debandada de mestres da China. Chega ao Brasil o grão-mestre Chan Kowk Wai (1960).
	1966	Chegada do mestre Lee Chung Deh ao Brasil.
	Anos 80	Reforma e reocupação de Shaolin. Nomeação de um abade para o templo.
	1990	O Wu-Shu é incluído entre os esportes de competição nos Jogos Asiáticos.
Séc. XXI	O governo da China inicia campanha para transformar o Wu-Shu em esporte olímpico.	

## UMA BREVE HISTÓRIA DE SHAOLIN

**M**arcel Granet, famoso sinólogo francês, discípulo de Durkheim, dedicou boa parte de sua existência ao estudo e compreensão das fontes eruditas chinesas. Granet, não obstante sua capacidade de síntese e atenção às fontes, não reserva, em sua obra, um papel especial para as artes marciais no universo de representações e mesmo no esquema de transmissão cultural daquela sociedade. Seu mais famoso livro, um best seller cuja primeira edição veio à luz em 1934, *O Pensamento Chinês*, lança-se à empreitada de compreender um pensamento que, ao contrário das principais matrizes greco-romanas ocidentais, não opõe sujeito e objeto, estabelecendo, antes, relações íntimas entre ambos, dentro de uma rede de significações que prevê uma certeza e um sentimento intrínseco da unidade do mundo.<sup>4</sup> Assim, desaparecem as distinções entre o lógico e o real. Abandona-se a chamada física da quantidade, aderindo-se à opção de construir modelos que estabelecem relações outras entre os números, o espaço e o tempo.

Meir Shahaar, historiador Israelense que mais se dedicou ao estudo da história das técnicas marciais de Shaolin localizou a mais antiga evidência de prática marcial no templo ainda no período da Dinastia Tang. Ele escreveu dois importantes artigos a respeito do tema: “Ming-Period Evidence of Shaolin Martial Practice” e “Epigraphy, Buddhist Historiography, and Fighting Monks:

---

[4]. Cf. GRANET, M. **A Civilização Chinesa**. Rio de Janeiro: Forni, 1979. GRANET, M. **Pensamento Chinês**. Lisboa: Contraponto, 1997.

The case of the Shaolin Monastery”.<sup>5</sup> O primeiro, trata da interligação entre o mosteiro e as artes marciais no final da dinastia Ming, e, o segundo, parte em busca de evidências e vestígios da participação das milícias de monges treinados em enfrentamentos de inimigos externos e piratas japoneses na época de transição entre as dinastias Sui e Tang, ou seja, o sétimo século de nossa era cristã ocidental. Meir Shahaar foi o primeiro historiador no meio acadêmico ocidental a produzir trabalhos sobre a relação entre marcialidade e religião budista em Shaolin. Seu trabalho se baseou na obra de um historiador chinês da primeira metade do século XX chamado Tong Hão (1897-1959). Shahaar estudou os idiomas da China em Taipei, estudou na Inglaterra e nos EUA. Hoje ele chefia o departamento de Estudos Chineses da Universidade de Tel Aviv e destaca-se como um dos maiores estudiosos do tema no Mundo.<sup>6</sup>

A polêmica historiográfica em torno da ligação entre a origem das artes marciais chinesas e o Taoísmo encontra uma síntese no trabalho de Rodrigo Wolf Apolloni, que estudou a apropriação das técnicas da arte marcial Chinesa no Brasil e, escreveu um significativo trabalho sobre a história do estilo Shaolin do Norte em

---

[5]. SHAHAR, M., “Epigraphy, Buddhist Historiography, and Fighting Monks: The Case of The Shaolin Monastery”, inédito, 21 p. \_\_\_\_\_. “Ming-Period Evidence of Shaolin Martial Practice”, in *Harvard Journal of Asiatic Studies*, vol. 61, n. 2, dez. 2001, p. 359 a 413.

[6]. Shahaar tem livros publicados sobre a tradição militar de Shaolin, bem como, sobre a religiosidade popular na China. Infelizmente, não há no momento nenhum desses livros traduzidos para o português. Esforço louvável do Prof. Rodrigo Wolf Apolloni que traduziu artigos de Shahaar com sua prévia autorização. Cf. APOLLONI, Rodrigo Wolff. *Shaolin à brasileira: estudo sobre a presença e a transformação de elementos religiosos orientais no kung fu praticado no Brasil*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 2004 (Dissertação de Mestrado). Um dos artigos de Shahaar foi traduzido por APOLLONI e publicado na seguinte fonte eletrônica: [http://www.pucsp.br/rever/i\\_shahaar.html](http://www.pucsp.br/rever/i_shahaar.html). Veja também de Shahaar, em idioma inglês: *The Shaolin Monastery: History, Religion and the Chinese Martial Arts*, (Forthcoming, Honolulu: The University of Hawai'i Press, 2007). “Crazy Ji: Chinese Religion and Popular Literature”, Harvard-Yenching Institute Monograph Series, 48, Cambridge: Harvard University Asia Center, 1998. “The Chinese Religion” (“Ha-Dat ha-Sinit”), (in Hebrew), Tel Aviv: The Broadcast University Series Press, 1998. “Unruly Gods: Divinity and Society in China”, Coedited with Robert Weller, (Honolulu: University of Hawai'i Press, 1996).

nosso país.<sup>7</sup> Basicamente, os estudiosos se interrogaram sobre o momento em que religiosos chineses, aparentemente primeiro taoístas e depois budistas passaram a incluir as artes marciais como elemento de sua rotina religiosa, ou, até, como parece por vezes ser em Shaolin, elemento de sua ascese religiosa.<sup>8</sup>

A mais famosa das escolas de técnicas marciais chinesas é a que se originou num mosteiro budista provavelmente construído no ano de 495 da nossa era, o Templo da Floresta Pequena ou, Shaolin. Localizado nas encostas do monte Song, uma das cinco antigas montanhas sagradas da China, em Henan. Nessas montanhas sagradas o imperador deveria oferecer sacrifícios ao senhor dos céus, que corroborava com sua proteção a legitimidade de sua dinastia. Na Idade Média o templo foi generosamente sustentado por uma série de dinastias que estabeleceram sua capital na cidade de Luoyang. Lendas locais dão conta de que o vigésimo oitavo Patriarca do Budismo, o famoso monge indiano Bodhidharma, a quem se atribui também a introdução de novas técnicas de meditação na China, teria introduzido os monges de Shaolin na prática de algumas seqüências marciais que ele aprendera durante sua formação como nobre proveniente das castas guerreiras hindus. A essa arte marcial indiana, que, sob esta hipótese, teria se amalgamado às técnicas chinesas pré-existentes, se chamava em Sânscrito, a língua clássica dos Vedas *Vajramushti*. O *Vajramushti* (*vajra*: real, bastão, ceptro, vara, directo, recto, correcto, sol, etc.; *mushti*: golpe, soco, punho, raio, etc.) data de época muito anterior ao surgimento do Budismo. Essa arte, praticada

---

[7]. APOLLONI, Rodrigo Wolff. *Shaolin à brasileira: estudo sobre a presença e a transformação de elementos religiosos orientais no Kung fu praticado no Brasil*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 2004 (Dissertação de Mestrado).

[8]. Cf. DERRICKSON, “Chinese for the Martial Arts”; Rutland: Charles E. Tuttle, 1996. Veja também: HUNT, L., *Kung Fu Cult Masters—From Bruce Lee to Crouching Tiger*, 1989. ,

pela casta dos guerreiros, teve origem em época pré-ariana, durante a civilização dos Drávidas (3500 a 1500 a.C.).

Hoje, a maioria dos especialistas acredita que, se Bodhidharma passou pelo templo Shaolin, e existem registros em estelas que dão conta disso, com certeza ele não terminou seus anos de vida lá. A atribuição de técnicas e Bodhidharma também não é ponto pacífico, uma vez que a tradição chinesa costuma atribuir a figuras históricas a invenção de coisas a que se atribui importância, mas que, com mais probabilidade, se devem à cumulativa soma de experiência de homens variados ao longo dos séculos. Assim, há lendas para o surgimento tais como do chá, da seda, do papel, etc. Isso não é de se estranhar, já que os mitos de origem, as tradições de ancianidade sustentam e corroboram a legitimidade de determinada linhagem de monges, sejam eles taoístas, como os dos templos da Montanha Wudang ou budistas, como os de Shaolin, nas montanhas Song.

Ao sabor da variação da política dos imperadores, houve maior apoio ao clero budista ou ao clero taoísta, bem como assim também variavam as os regimes de proteção ou perseguição. O desenvolvimento de uma cultura de marcialidade nos templos aponta para uma quebra do monopólio estatal sobre elas. Observou-se, efetivamente, neste durante o século XVI, um declínio do efetivo dos exércitos regulares Ming. O banditismo crescia, piratas japoneses e marujos e comerciantes marítimos chineses herdeiros insatisfeitos da proibição da construção dos grandes juncos da época do imperador Yung Lo, saqueavam, com frequência, o litoral. Parece que a situação calamitosa estava levando o governo a recorrer com mais frequência a tropas milicianas locais. Algumas delas incluíam monges em suas fileiras.

Contrariando boa parte das lendas, a mais antiga evidência da participação de Shaolin em combates efetivos data do período da dinastia Tang, mais precisamente em 610. O auxílio bem suce-

dido em campanhas militares permitiu que, em reconhecimento o Imperador Li Shimin ampliasse a área do templo, concedendo, inclusive, a patente de General a um de seus monges.

Essas evidências, inferidas da leitura de textos de estelas e estupas<sup>9</sup> não informam, entretanto, sobre a existência de alguma disciplina marcial no templo. Os viajantes Tang que visitaram a região neste período não se referem de forma particularizada a nenhuma disciplina militar a que os monges seria submetidos no mosteiro. As dinastias seguintes, Song e Yuan, também não deixaram relatos que doem conta desse treinamento, e esta lacuna de fontes se prolonga pelos sete séculos seguintes. Isso que leva os especialistas a duvidarem da existência de um sentido de marcialidade neste momento no templo das montanhas Song. Aos a dinastia Han a China havia passado por alguns séculos de conflitos que tiveram fim com a implantação da Dinastia Sui (589-618), e, mais tarde, da Tang (618-906). Seguiu-se um período de riqueza em que a pluralidade de correntes filosóficas e religiosas que existia nas províncias atentava a intensidade dos contatos interculturais resultantes das relações internacionais, uma vez que, seguindo os passos de mercadores, peregrinavam religiosos, missionários e peregrinos que atravessava a rota entre a China e o mundo Islâmico e entre a China e a Índia.

Meir Shahaar localiza nos séculos XVI e XVII as primeiras evidências da existência de uma marcialidade sistemática e organizada em Shaolin.<sup>10</sup> Portanto, é no período Ming Tardio, no final da Dinastia, que uma profusão de fontes dão conta do cultivo de artes marciais no mosteiro. Neste período, um grande número

---

[9]. Estupas são monumentos funerários budistas em formato de sino. São muito comuns na China e há um cemitério repleto delas no templo Shaolin, que costuma ser chamado de floresta de estupas. Nas estupas consta, com frequência, um epitáfio do morto, descrevendo seus feitos notáveis, sejam religiosos ou militares.

[10]. SHAHAR, Meir. Evidências da Prática Marcial em Shaolin durante o Período Ming. *Revista de Estudos da Religião*. PUC/ SP, n 4, 2003. p. 108

de oficiais, artistas marciais e interessados viajavam pra o templo para estudarem com os monges técnicas consideradas de excelência. Além disso, as fontes que atestam sua participação bem sucedida em campanhas militares em apoio à Dinastia Ming Tardia são numerosas. É possível, entretanto, que se tenha construído, ao longo dos séculos subsequentes, uma supervalorização de Shaolin como marco da nacionalidade chinesa. Como na historiografia sobre as poleis gregas se alimentou, durante certo tempo, um mito sobre a excelência superpotente do treinamento militar de Esparta, na historiografia e na memória da população de Henan, configurou-se um mito nacional que depois se difundiu por toda a China.

Entretanto, fontes numerosas dos séculos XVI e XVII dão conta de uma extraordinária experiência marcial e de uma impressionante eficiência em combate dos monges de Shaolin. Essas fontes apontam para algo mais que um mito e, provavelmente, para uma preexistência de práticas marciais naquele templo.<sup>11</sup> São numerosos os relatos de clara vantagem desses monges sobre seus adversários em combates armados e também em enfrentamentos com as mãos livres. Ao que parece, essa superioridade teria se revestido de grande valia no auxílio à defesa contra inimigos e rebeldes num período em que a ordem social era ameaçada e a Dinastia perdia o controle da situação nas províncias. Mesmo frequentemente acusados de inobservância dos preceitos budistas, fossem eles alimentares ou piedosos, os clérigos, embora sempre suspeitos de sedição, figuravam como uma reserva humana que detinha considerável Know How, respeitado em toda China. Logo a Dinastia Ming Cairia e estes mesmos monges, tradicionalmente fieis a ela, seriam vistos com olhos de desconfiança pelo invasor

---

[11]. Sobre essas informações, confira: SHAHAR, Meir. Evidências da Prática Marcial em Shaolin durante o Período Ming. *Revista de Estudos da Religião*. PUC/ SP, n 4, 2003. p. 135.

Quing. A Dinastia Ming (Luz) havia sido fundada por um monge, que vivera em um mosteiro entre os 16 e os 33 anos, o futuro imperador Zhu Yuanzhang (1328-1398). A dinastia que fundou sobreviveria 300 anos.

Oriundo da revolta dos Turbantes vermelhos, o imperador fundador era um homem simples que havia se arvorado em governantes divino. Paranoico com a possibilidade de traição, perseguiu os movimentos secretos como a Lótus Branca e Maitreya. Não obstante, na clandestinidade, essas sociedades continuaram a prosperar.<sup>12</sup>

---

[12]. Cf. YAO, Xinzong. *Religiões Chinesas*. In: BOWKER, John. *O livro de ouro das religiões: a fé no Ocidente e no Oriente da Pré-História aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. p.194.

## DA RELAÇÃO ENTRE MARCIALIDADE E BUDISMO

**A**s evidências não permitem concluir em que século os monges de Shaolin começaram a se instruir na prática de artes marciais. Sabe-se, entretanto, dos desdobramentos da prática marcial sobre a vida religiosa do mosteiro. A própria associação sincrética que criou a divindade Jinnaluo, um protetor espiritual dotado de bastão e corroborador do caráter de guerra legítima em defesa da fé, reforçou a significação imaginária de que os monges seriam os defensores do Dharma. Para permitir a livre manifestação do Dharma, a guerra seria justa. Nunca, entretanto, para o ataque puro e simples, mas, como forma de garantir a sobrevivência de si mesmo, da comunidade de monges, do império que os apoiava e da fé budista.<sup>13</sup>

Parece que a mais importante deixa de Shahar diz respeito justamente a este ponto. Em que medida haveria a associação entre a arte marcial, seu treinamento, a dedicação a ele e um caminho espiritual, uma ascese? A pesquisa levou a acreditar que, pelo menos no período Ming Tardio, não existe qualquer associação textual entre prática marcial e desenvolvimento de espiritualidade budista. O caminho contrário também não é apontado: o de que a meditação ou o respeito aos preceitos poderiam garantir refinamento marcial.

---

[13]. O **Dharma** (Sânscrito **Dhamma** (Pali) significa Lei Natural ou **Realidade**. Como doutrina moral sobre os direitos e deveres de cada um, o *Dharma* se refere, também, geralmente, ao exercício de uma tarefa espiritual, mas também significa ordem social, conduta reta ou, simplesmente, virtude intrínseca à natureza búdica de todos os seres.



Para este autor, essa relação parece ter sido estabelecida pela primeira vez no Japão. Jinnaluo, a divindade protetora do Templo Shaolin seria então uma justificadora religiosa da prática marcial dos monges, os defensores do Dharma. Uma divindade que, interagindo com a marcialidade do mundo dos homens, justificaria a associação entre budismo e artes marciais.

A associação de marcialidade como caminho espiritual teria sido formulada, assim, talvez, pela primeira vez, no Japão, pelo Monge Zen Takuan Soho (1573-1645) que formulou a doutrina Mushin ou “não mente.” Ele associava de forma íntima o aprimoramento espiritual à perfeição no método de esgrima. Essa doutrina, por sua vez, chegando à China, teria, talvez, influenciado a elaboração de uma doutrina moral e ascética durante a escrita de manuais sobre artes marciais em Shaolin. Como demonstrou o historiador chinês Tang Hão, a própria palavra utilizada pelos chineses neste período para designar arte marcial “roushu” foi uma transformação do original japonês “jiu jitsu”.<sup>14</sup>

Cabe observar, entretanto, que em termos de técnica marcial, a China parece ter influenciado muitos padrões constituintes das futuras artes marciais nipônicas neste período. Um exemplo é o chamado Shuai Jiao. Shuai = derrubar e Jiao = chifres, ou seja, chifres que derrubam. A tradição afirma que se tratava de um combate aguerrido, corpo-a-corpo, onde os lutadores utilizavam capacetes com chifres. Outro termo popular (na China) utilizado para se referir ao Shuai Jiao é “Kuai Jiao” que significa “derrubada rápida”.

Um velho provérbio popular chinês diz: “Ataques com os punhos são superiores às técnicas de deslocamento; ataques que utilizam os pés aos ataques de punhos, e técnicas de derrubar e

projetar superiores aos ataques com os pés”. Os combates eram normalmente vencidos por quem arremessou o adversário ao solo e não por quem havia conseguido um moderno “Knock Out”.

Vários mestres são unânimes em dizer que boas técnicas de derrubar (shuai) representam 40% de um bom lutador, completado por 30%, respectivamente, de técnicas de chutes e socos. A dedicação à compreensão do Shuai Jiao pode contribuir para o aprimoramento de qualquer estilo de Wu Shu praticado. Nele, está a origem remota do Jiu-jitsu, do Judô e de outras formas de arte marcial japonesa caracterizadas pelo combate próximo e pela projeção do adversário, utilizando-se, frequentemente, de sua própria força e impulso de ataque. As conclusões de Shahar sobre a inexistência de treinamento marcial em Shaolin antes do período Ming basearam-se, majoritariamente, na análise de fontes escritas.

Se o entrecruzamento das informações obtidas por essa análise documental produz nexos interessantes, um relativo desprezo pela tradição oral também parece ressaltar na obra do autor. Se seguramente não parece ter havido um incêndio no mosteiro em 1736, como atesta Shahar, um estudo das lendas e tradições sobre este ataque mereceria mais atenção. Para além de uma retórica de prova, as fontes orais nos remetem a uma seleção de memória que revela, em análise mais atenta, muito de uma sociedade.

Acho particularmente muito provável que considerável montante de significação espiritual da arte marcial chinesa tenha realmente resultado da influência budista e da introdução do budismo Ch’an. Sob a figura de Bodhidharma se reúne, frequentemente, uma série de monges itinerantes que conseguiram difundir largamente o budismo entre as populações mais pobres, e frequentemente, analfabetas, graças ao fato de concentrarem a ênfase da ascese na meditação e no cotidiano e não na leitura dos sutras e na erudição. Para o Budismo Ch’an, a iluminação se dá

[14]. SHAHAR, Meir. Evidências da Prática Marcial em Shaolin durante o Período Ming. Revista de Estudos da Religião. PUC/ SP, n 4, 2003. p. 135.

por despertar espiritual, por uma manifestação da natureza búdica interior que se faz de forma espontânea; não pelo acúmulo de conhecimento intelectual, mas, antes, por uma relação de concatenação e amadurecimento interior que chega a um ponto fulcral, produzindo algo que se assemelha àquilo que, sob a psicologia alemã da Gestalt, chamamos Insight. Isso, sem dúvida, contribuiu para popularizar o Budismo, primeiro na China, e depois no Japão. Em terras nipônicas, a pronúncia do termo Sânscrito Dhiana (meditação), que se fizera na China como Chan, passou a ser lida como Zen.

Para além das semelhanças e diferenças entre as doutrinas de Takuan e os preceitos do mosteiro de Shaolin, para além dos discursos ingênuos sobre preeminência ou não de surgimento de uma associação entre marcialidade e espiritualidade budista, cabe ressaltar que os monges guerreiros criaram, em seu ambiente e historicidade, uma interpretação inédita de sua própria doutrina religiosa. Essa capacidade de adaptação e criatividade, não obstante os textos dos sutras – e também o Tao Te Qing, de Lao Tzu – consagrassem a doutrina da não violência, especialmente – e isso não é suficientemente explorado por Shahar – oferece uma excelente oportunidade de reflexão.

A pergunta não deveria ser se existiu ou não um monge chamado Bodhidharma, a quem os chineses chamavam Ta Mo, e se ele teria transmitido, juntamente com a doutrina na ênfase meditativa do Budismo Chan, as técnicas marciais que mais tarde, amalgamadas às muitas que preexistiam na China, teriam engendrado a tradição de Shaolin. Mais interessante seria despersonalizar essa transmissão e procurar, na própria gênese do Budismo Ch'an, aspectos significativos de cultura Guerreira. Muitos dos tradutores indianos dos sutras budistas do Páli ou do Sânscrito para o Cantonês pertenciam à casta dos guerreiros e nobres, à qual havia pertencido próprio Sidharta Gautama.

Em épicos antigos do Hinduísmo encontram-se narrações de sequências de combate. Essas narrações precedem o surgimento do próprio Budismo. Um exemplo é o *Mahabharata*. Vale lembrar o combate descrito no *Bhagavad Gita*, no *Ramayana*, no *Rig Veda*, assim como noutros textos religiosos e védicos, como o *Buddhacarita Sutra*, *Jaiminiya Brahmana*, e o *Saddharmapundarika Sutra*. O conhecimento dos pontos vulneráveis do corpo (*m'armam*), parecia já existir em meados do segundo milênio antes de Cristo, mesmo sem uma aplicação nas práticas de luta. Sua utilização nos sistemas organizados de combate com e sem armas ainda não tinha sido registrada de forma escrita e organizada, mas, podemos imaginar que o que era utilizado para curar pudesse, em uma sociedade guerreira, também, facilmente, ser remetido para matar. O conhecimento dos pontos vitais tem, inclusive, uma obra que lhe é dedicada o *M'arma Shastra*.

No *Mahabharata* relata-se o que aconteceu quando Drona, um mestre nas artes marciais, ensina aos seus discípulos a disciplina do arco. Ele manda cada um dos discípulos mirar a uma ave que se encontrava no alto de uma torre, e, em seguida, pergunta-lhes, um por um, o que estão enxergando. A maioria descreve que vê o pássaro, as suas penas, as patas, a cauda, a torre, etc. Drona, o mestre marcial, usando de severidade, repreende-os bruscamente, como faria qualquer abade Ch'an, séculos mais tarde, diante de uma resposta equivocada a um Koan.<sup>15</sup> Mas, Arjuna, o maior dos guerreiros, responde à mesma pergunta de forma satisfatória. Diz que vê apenas o olho do pássaro. Ou seja, Arjuna estava em *ekagrata*, a concentração da mente num só ponto, o mais elevado nível de atenção. Arjuna estava certo: ele, a seta, o arco, o alvo eram um só. Acabamos, portanto, de flagrar na tradição indiana

---

[15]. Vyassa, *Poema do Senhor – Bhagavad Guitá*, transcrição, introdução notas e glossário de António Barahona, pg. 33 e 34 Cf: C:\Documents and Settings\win xp\Desktop\Vajramushti.htm

religiosa, pré-budista, traços da retórica de atenção e concentração veiculada mais tarde pela tradição Chan Zen.

## SOBRE OS BOXERS

**D**urante os séculos XVI e XVII, e, até o início do século XIX, artistas marciais não militares também percorriam a China em busca do aprendizado de técnicas de bastão, lança, espada, alabarda, e uma série de outras armas. Essa busca pela excelência no manejo dessas armas, passou a ser associada—em algum momento cuja localização divide os historiadores—a uma busca de perfeição espiritual e física, à perseguição de um ideal de desenvolvimento integral, que encontrava ressonâncias nas matrizes confucionistas, taoístas e budistas. Por ideais menos elevados, lutadores itinerantes também se enfrentavam em competições públicas financiadas por ávidos expectadores. Além disso, artistas marciais trabalhavam em serviços temporários de escolta e proteção para particulares e caravanas de comércio. Alguns se estabeleciam sob o financiamento de mecenas. Os que se demoravam no nomadismo, compartilhavam de um mundo onde certamente, como observou Shahaar, as rígidas regras sociais chinesas se afrouxavam.

Seu lugar para além do “curso” caudaloso da vida cotidiana ajudou a emprestar-lhes, no imaginário e na literatura, algo de mágico e livre, uma correspondente oriental, *mutatis mutandis*, para os mitos de cavalaria errante dos ocidentais Medieval e Moderno na Europa. A essa literatura épica chinesa denomina-se Wushia e suas raízes remontam ao século I da era cristã.

Se a retórica de iluminação budista não consta nas artes marciais chinesas até o período Ming tardio e se este empréstimo de significado pretensamente japonês teve influência considerável

sobre a transformação do sentido dessas artes, não há dúvida de que, em termos de transmissão de técnicas marciais, os padrões nipônicos receberam grande influência chinesa.

Os itinerantes, fossem eles quais fossem, mambembes, caçadores de riquezas, pequenos mercadores e artistas marciais eram chamados de “rios e lagos”, devido à sua vida fluida como as águas.

A filosofia chinesa, desde o I Ching, o livro das Mutações, baseia sua compreensão do universo na identificação de duas energias. O Yin, que representa a lua, o lado escuro do símbolo, a feminilidade, a suavidade, e o Yang, que representa a força, o sol, a luz. Ambos se complementam, como demonstra a pitada de cor clara na parte escura e vice versa. Estariam presentes em todo o Universo. Essa filosofia influenciou sobremaneira as concepções marciais do Tai-Chi, que parecem ter-se estabelecido por volta do século XVIII e não em períodos anteriores como informa a tradição.

A invasão manchu sobre os territórios do sul da China, em 1644, representou um momento traumático para a civilização chinesa que se desenvolvera grandemente em suas técnicas de marcialidade durante a dinastia Ming. A transição da dinastia Ming para a Qing (Ching ou Tsing), a última dinastia imperial, marcou o início de uma era de perseguição aos oficiais do antigo exército Ming, alguns deles refugiados no mosteiro de Shaolin, aí então, já um marco cultural e geográfico da tradição de marcialidade chinesa. Os séculos XVII e XVIII marcaram um momento de grande desenvolvimento cultural acompanhado do expansionismo Manchu, que, para além do controle do Império Chinês e da Mongólia, estendeu-se pela Ásia Central e reforçou sua influência sobre o Tibet. Este, desde 1751, transformou-se em protetorado chinês. Entretanto, no início do século XIX, sob a influência do imperialismo ocidental, a situação da China começou a se reverter.

Enquanto a Europa continental era dominada pelo Império Napoleônico e os Estados Unidos expandiam-se em direção ao

Oeste, a China iniciava um período de franca decadência, marcado pelo crescimento populacional, que, associado ao aumento de impostos e da corrupção, resultou na grande explosão de revoltas da segunda metade do século XIX.

A revolta de antidinástica de Taiping, que espalhou sangue por todo o território do Império entre os anos de 1851 e 1864 partia do sentimento popular de revolta contra a associação entre os Manchus e as potências da Europa Ocidental. Ensaando a formação de um corpo de idéias muito caro aos pensadores chineses do século XX, os Taipings execravam a exploração dos camponeses contra os grandes proprietários de terra e pregavam uma reforma agrária radical. Seus comandantes controlaram todo o vale do Rio Amarelo (Yang-Tsé) e chegaram a estabelecer uma dinastia paralela e desafiante em Nanquim, mas, foram massacrados pelas forças oficiais sem piedade.

Nessa época, grande parte da Europa, os Estados Unidos e o Japão (Era Meiji) viviam a realidade da Segunda Revolução Industrial. A introdução da maquinaria automática, o crescimento da produção e a extrema divisão do trabalho, trouxeram uma grande concentração de renda, que, através da fusão do capital bancário com o industrial, resultou na formação de grandes conglomerados empresariais representados por holdings, cartéis e trustes. Essa nova realidade econômica marcava a passagem do capitalismo concorrencial para o capitalismo monopolista, responsável pelo neocolonialismo entre os séculos XIX e XX. Nessa conjuntura, a China já enfraquecida, foi fragmentada pelas potências ocidentais e pelo Japão, que em 1895 passou a controlar Taiwan e Liaodong exacerbando o nacionalismo chinês.<sup>16</sup>

---

[16]. Ver considerações feitas por BRAUDEL, Fernand. O capitalismo fora da Europa. In: **Civilização material, economia e capitalismo**: séculos XV-XVIII. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 519-536. Sob uma perspectiva de análise histórica baseada na longa duração, o autor busca na China e nos demais países do extremo Oriente, a base para a formação e consolidação do futuro sistema capitalista europeu. O Estado burocrático é apontado

Algumas sociedades secretas chinesas, notabilizadas por sua belicosidade afirmavam para seus membros que suas técnicas de Kung Fu os tornariam invencíveis, invulneráveis até para poje- teis e armas de fogo. Essas concepções eram correntes durante a Guerra dos Boxers que eclodiu entre os meses de maio e agosto de 1900. Essa rebelião partiu do Norte, envolvendo uma quantidade enorme de artistas marciais que acreditavam lutar em nome da tradição.

O Império pediu, então, ajuda internacional. De curta dura- ção, a revolta dos lutadores de Kug Fu que se recusavam a utilizar armas, apegados aos seus métodos de guerrilha e emboscada e valorizando as armas tradicionais, durou até o mês de agosto, mas, deixou uma triste recordação. Custou baixas consideráveis ao exército de mercenários franceses, ingleses, russos, norte-a- mericanos, alemães, austríacos, italianos e japoneses, que foi contratado para combatê-la, mas, acabou abafada, ao custo de um número muito maior de mortos chineses. Utilizaram-se me- tralhadoras e canhões no combate aos boxers, que haviam se reu- nido em torno da sociedade secreta dos Hai Ho Tuan (os Punhos da Harmonia Justa). Nela se reuniam adeptos dos mais variados estilos de Wu-Shu, bem como alguns monges provenientes de Shaolin.

Ao fim e ao cabo, a China não só saiu humilhada do con- flito, como também teve que pagar uma indenização de guerra aviltante, sendo proibida de importar armas modernas e sendo obrigada a estabelecer que os súditos do Império não residissem nos bairros onde se haviam instalado as legações das potências ocidentais. No território desses bairros, os cidadãos estrangeiros,

---

como um obstáculo para o desenvolvimento capitalista na china, por seu caráter centralizador e moralizador, que age segundo uma moral confuciana frequentemente atualizada, e que é hostil a qualquer indivíduo que enriquece “anormalmente”, pois a acumulação só é possível ao aparelho estatal.

ali estabelecidos, gozavam do direito de extraterritorialidade, sa- fando-se, assim, da rígida legislação chinesa.

Em seu paradidático, O Imperialismo, Hector Henan Bruit, analisa a Guerra dos Boxers sob as influências e injunções do neo- colonialismo europeu, sem, entretanto, fazer qualquer referência ao papel desempenhado por essas sociedades secretas e pelos seu assentamento cultural nos mitos e no imaginário das artes marciais chinesas. Isso leva a uma visão simplista do conflito, como se as motivações internas chinesas, e as interferências cul- turais locais não tivessem relevância pra a eclosão da revolta.<sup>17</sup>

---

[17]. Cf. BRUIT, Hector H. O Assalto ao Dragão. In: BRUIT, Hector H. **O Imperialismo**. São Paulo: atual, 1994, p.38-48.



## SISTEMAS E SEQUÊNCIAS CRIADAS POR MONGES E TÉCNICAS INSPIRADAS NO MOVIMENTO DOS ANIMAIS

Segundo a tradição oral, durante a dinastia mongol Yuan (1206-1333 d.C.), um monge chamado Chueh Yuan (também chamado Hung Yun Szu) aperfeiçoou o sistema de Shaolin para reunir 72 formas ou técnicas. Mais tarde, os 72 movimentos teriam sido estudados por Pai Yu-feng e Li Cheng da província Shansi. Além dos métodos de Chueh Yuan, eles também estudaram as 18 mãos de lohan de Bodhidharma e fundiram os métodos para implementar, criativamente, 170 técnicas. Estes 170 métodos formaram a base do atual chamado estilo Shaolin do Norte, sistema consideravelmente complexo, graças aos seus métodos e diversificação.<sup>18</sup>

Já o monge Pai Yu-feng ensinou que um homem tem cinco princípios: força, ossos, espírito, tendões e ch'i (energia interior). Os 170 métodos que criou resumiam a essência dos arquétipos de cinco animais, preexistentes na tradição chinesa como referências a exercícios taoistas para a promoção da saúde. Eram eles a serpente (she), o leopardo (pao), a garça azul (hao), o dragão (lung) e o tigre (hu). O tigre ensinou o método de força dos ossos; o dragão desenvolveu grande força do espírito; a garça azul ensinou o trei-

---

[18]. Um bom manual técnico foi publicado pelo Grão Mestre Chan Kwok Way, em parceria com o Prof Ariovaldo Veiga. Cf.

KWOK WAY, Chan; VEIGAS, Ariovaldo F. A. Kung Fu Shaolin do Norte: técnicas básicas, 1 e 2 Kati. São Paulo: Bio Express, 1996. As informações aqui constantes se basearam em comentários dos Mestre chineses, bem como na leitura do primeiro capítulo do livro citado.



namento dos tendões; o estilo do leopardo representou extrema força e a serpente instruiu na capacidade de fluir o ch'i.

O sistema Shaolin desmembrou-se em cinco estilos distintos. Isto porque, segundo a tradição oral, havia cinco templos Shaolin em vários distritos. O sistema original teria se originado da província de Henan, no templo histórico. Os outros sistemas foram chamados de acordo com as províncias em que se situavam respectivos mosteiros: O-mei, Wu-tang, Fukien e Kwang-tung. No sul (Cantão), as cinco variedades de Kung Fu Shaolin desenvolveram-se em sistemas familiares: Hung, Lau, Choy, Li e Mo. Cada uma dessas cinco famílias desenvolveu suas próprias artes: Hung Gar: Da família Hung. Fundado por Hung Hei Gung. Estes, utilizam a força externa e exercícios de tensão dinâmica e são especialmente recomendados para desenvolver a musculatura, graças às suas bases baixas e severo treinamento físico a que são submetidos os artistas marciais. .

O Lau Gar, da família Lau, organizado por Lau Soam Ngan, é um excelente sistema baseado em métodos manuais de médio alcance. Choy Gar: Da família Choy. Fundado por Choy Gau Yee, este não é o sistema Choy Li Fut que é tão popular hoje. Embora tenha algumas semelhanças, a marca registrada de Choy Gar são seus métodos de ataque a longo alcance. Li Gar: da família Li. Fundado por Li Yao San, este sistema usa ataques de médio alcance com um murro poderoso de médio alcance. Mok Gar: da família Mok (ou Mo). Fundado por Mok Ching Giu, este sistema tem socos de curto alcance e métodos de chute muito poderosos. O mais fascinante aspecto dos 170 métodos de Pai é seu fundamento nos movimentos dos animais, a saber, o tigre, o dragão, a garça azul, o leopardo, e também a serpente.

A garça azul (hao) é um estilo baseado em métodos e técnicas para fortalecer os tendões. Ele enfatiza o equilíbrio, o trabalho dos pés complexo e rápido, e um único movimento do punho chamado

o bico da garça, no qual todos os dedos se unem na ponta para aplicar ações de bicar. A marca registrada do estilo garça azul é sua postura de uma perna e um punho muito alongado (chang ch'uan). Além destas técnicas, a garça azul também usa um punho curto (tuan ch'uan), técnicas de armadilha com o pulso e uma variedade de chutes. O estilo do leopardo (pao) desenvolve poder, velocidade e força, especialmente na parte inferior do corpo. O método do leopardo exhibe golpes penetrantes e rápidos e uma atitude mental feroz.

A serpente (she) é talvez o kati de amis curiosa interpretação das sequências dos cinco animais (wu-chia ch'uan), uma vez que desenvolve a misteriosa energia interna chamada ch'i. O estilo em si realça a elasticidade dos tendões e ligamentos, flexibilidade, movimentos diagonais defensivos e ofensivos e ataques velozes com os dedos. A mão da serpente usa às vezes dois dedos (o do meio e o indicador) ou os quatro dedos (que é o mais usado). O ataque com os dedos são aplicados nas partes moles do corpo do adversário, com movimentos circulares que açoitam, golpeiam de leve e saltam.

O dragão (lung), um animal mítico do folclore chinês, desenvolve autoconfiança. Movimentos técnicos são aplicados com fortes torções do corpo (como a torção e sacudidela violenta do corpo e rabo do dragão). O estilo do dragão também usa uma base baixa e potente de "montar a cavalo" e desenvolve espírito forte por meio da graça e flexibilidade. Muitos sistemas completos de Kung Fu se originaram dos movimentos do dragão. A maioria se destaca por seus movimentos fluentes, técnicas de mão abundantes (umas 12 danças do punho ou kuen), chutes fortes e rápidos, uma variedade de movimentos circulares de perna e umas 28 séries de armas brancas.

O tigre (hu) desenvolve o ataque enérgico e Yang por meio do uso de tensão dinâmica e usa esta força para recuperar eficientes técnicas de mão de posturas muito baixas, que trabalham a mus-

culatura das pernas, aí muito exigida. A técnica manual básica que distingue este estilo dos outros é a garra do tigre. O estilo do tigre em geral direciona o ataque para cima. Há entretanto exceções nas quais o artista marcial investe o ataque pontual para fora, horizontalmente. Com o princípio dos 170 métodos de Pai, o Kung Fu começou uma nova sequência de exercícios para exteriorizar o Chi.

## ALGUMAS DIFERENÇAS PONTUAIS ENTRE OS ESTILOS DO NORTE E DO SUL DA CHINA

Os sistemas do Norte destacam-se por suas técnicas de perna e seus padrões muito elegantes e extremamente trabalhados. Os métodos são ligeiros e graciosos. As técnicas do Norte adotaram esta especialização (de acordo com a lenda) por causa do terreno montanhoso que desenvolvia pernas fortes. Outros acreditam que o tempo inclemente forçava as pessoas a usar roupas pesadas. Isto exigia pernas fortes, já que a parte superior do corpo era difícil de se mover com rapidez.

Os estilos do Sul, por sua vez, não usam os métodos acrobáticos do Norte, e por causa disto muitos acham que são mais fáceis de se aprender. Os estilos do Sul usam posturas baixas, técnicas de mão potentes e chutes baixos rápidos. O povo cantonense, que pronuncia Kung Fu como Gung Fu, é mais baixo e mais atarracado e prefere usar métodos de mão. A lenda diz que como o Sul da China tem mais pântanos e água, o povo sulista remava mais, o que desenvolvia seus braços para técnicas de mão. Os praticantes do Gung Fu baseiam-se na velocidade, força, agilidade e resistência para executar seus ataques e defesas.

Os dois estilos mais singulares que se originaram do Kung Fu Shaolin são a palma de ferro (t'ieh chang) e a mão de veneno (dim mark). A palma de ferro refere-se ao método de condicionar externamente a mão para torná-la dura. A idéia é ter uma arma sempre disponível que consiga atacar com a força da morte. Os praticantes da palma de ferro usam unguento de ervas chamado

dit da jow. Usando isto, as mãos não demonstram sinais da capacidade mortífera. A mão de veneno refere-se à capacidade de atingir centros nervosos para causar um ferimento letal como os principais venenos da conhecida e variegada farmacopéia chinesa. Os praticantes da mão de veneno usam mais o ch'i (energia interior) do que condicionamento físico. Contudo, a energia destrutiva danifica os órgãos internos, num processo que já tem sido estudado e decodificado pela física moderna.

Com o Kung Fu Shaolin firmemente enraizado na cultura da China, a arte diversificou-se em milhares de estilos familiares distintos. Durante a dinastia Sung (960-1279 d.C.), houve um grande aparecimento de sociedades secretas, que associavam religiões messânicas com artes marciais. Sociedades tais como os Dragões Negros ou as Tríades eram herméticas, verdadeiros clãs de artistas marciais.. Não era raro encontrar um mestre de Kung Fu de uma determinada escola (kwoon) ou província vagando de vilarejo em vilarejo, testando sua habilidade. Muitas vezes havia duelos até a morte. Além de lutas mortais, havia muitas demonstrações públicas para atrair novos praticantes. De acordo com relatos orais e registros oficiais provenientes das famosas crônicas da capital de Kaifeng, estes “shows de rua” eram muito populares.

De acordo com a tradição oral, os estilos chamados de “Shaolin do Sul” desenvolveram-se em pretensas sucursais no templo, na província Fukien, para as quais a arqueologia ainda não encontrou confirmação de existência histórica. Sem embargo, para os chineses, o monge Wang Lang da província de Shang-tung, teria criado, em algum momento durante a Dinastia Ming, o conhecido e praticado estilo Louva-a-Deus (Tang Lang Quan do Sul), baseado nos movimentos do inseto de mesmo nome, ao observar a forma pela qual ele se movimentava para se defender.

Os estilos da garça branca (Pak Hok) e do macaco (tsitsing pi qua) teriam surgido neste momento também. O monge Ch'en

Yuan-ping teria então viajado ao Japão e introduzido o ch'in-na, uma forma de manipulação das juntas que acrescentou muito ao Jujutsu japonês. Qui Jiguang, um conhecido general, compilou um livro tratando de 16 diferentes estilos de exercícios com as mãos desarmadas e umas 40 técnicas com lança e bastões de três partes. Ele criou também uma série completa de teorias e métodos de treinamento, dando assim grandes contribuições ao Kung Fu.

Como referido no tópico anterior, a invasão Manchu de meados do século XVII representou a transição da dinastia Ming para a Qing (Ching ou Tsing), a última dinastia imperial. Os séculos XVII e XVIII marcam um momento de grande desenvolvimento cultural acompanhado do expansionismo manchu, que além de controlar o império Chinês e a Mongólia, estendeu-se pela Ásia Central e reforçou sua influência sobre o Tibet, que, a partir de 1751, transformou-se em protetorado chinês.

Neste período ambienta-se o famoso filme Chinês “O Tigre e o Dragão” (wo Hu Zang Long. China, Hong Kong, Taiwan, EUA, 2000) dirigido pelo polêmico Ang Lee, que teve no elenco atores e atrizes chinesas de grande carisma como Chow Yun-Fat, Michele Yeoh, Zhang Ziyi e Chang Chen. A obra do consagrado diretor taiwanês foi o primeiro filme em idioma estrangeiro a conquistar o total de dez indicações para o Oscar, incluindo as de melhor filme, estrangeiro, direção e roteiro adaptado entre outras.

Com base em um romance épico de cinco volumes do escritor Wang Du Lu, o filme, falado em Mandarim, tenta reconstruir o cenário da China no início do século XIX, através da disputa entre dois casais de guerreiros por uma espada lendária, roubada após o mestre de artes marciais Li Um Bai ter se afastado, por razões religiosas, de sua vida guerreira violenta.. Mesclando romance, artes marciais e efeitos especiais, o filme prima pela exposição fotográfica de belíssimas regiões da China desértica, pode ser utilizado com proveito em sala de aula, principalmente se o professor

souber se interrogar com sutileza sobre as motivações políticas e artísticas do cinema chinês contemporâneo.<sup>19</sup>

No início do século XIX a situação da China começou a se reverter. Enquanto a Europa continental era dominada pelo Império Napoleônico e os Estados Unidos expandiam-se em direção ao Oeste, a China Imperial iniciava um período de franco declínio, marcado pelo crescimento populacional, que associado ao aumento dos impostos e da corrupção, culminou com a grande explosão social da segunda metade do século XIX.

## AINDA SOBRE O NORTE E O SUL

As características mais relevantes nos métodos e na aplicação prática dos movimentos estão na divisão regional, devido às diferenças geográficas. O Norte é montanhoso, e, devido à influência da latitude e da altitude tem um clima mais frio. Os chineses do norte utilizavam-se de roupas mais espessas para melhor proteção nas baixas temperaturas e, segundo a tradição, possuíam a musculatura da perna fortalecida devido às longas caminhadas montanha acima. Assim, desenvolveu-se lá um Kung Fu de movimentos mais largos e circulares, de forma a não ser atrapalhados pelas grossas roupas que limitavam algumas técnicas. Valorizou-se lá, assim, os chutes, principalmente os mais altos que visavam a cabeça e o tórax dos oponentes, aproveitando assim as “pernas fortes”.

O sul chinês possui relevo um pouco mais plano em relação ao Norte, com maior abundância de rios e a convivência sazonal com o regime das monções. Preominam ali as temperaturas mais elevadas. Por esta razão, os estilos do Sul desenvolveram-se com algumas características diferentes do norte. As bases de pernas são mais baixas, com se o artista marcial se sentisse plantado ao solo, adaptando-se a situação geográfica da região, segundo a tradição oral, às características geográficas da região. Nos estilos sulinos predominam chutes mais baixos, que visam a interceptação de chutes e a lesão de pés, canelas, joelhos e coxas, chegando, com mais frequência, no limite, ao baixo ventre. Valoriza-se no Sul mais do que no norte os socos, arremessos e agarramentos mais rígidos, visando, assim a uma luta mais breve e objetiva.

---

[19]. A essa discussão instigante, que ocuparia com proveito algumas páginas deste resumo, não dedicarei mais que este comentário, que visa abrir espaço para a produção de trabalhos posteriores mais exaustivos e abrangentes.

Esta é apenas uma pequena descrição nas divisões mais marcantes entre os estilos do Sul e Norte da China. Naturalmente existem outros fatores que se fazem pertinentes sobre as diferenças estratégicas nas aplicações de suas técnicas, principalmente costumes, filosofias, religiões, culturas regionais etc.

## AS ARMAS E O WU SHU



É bastante frequente ouvir-se falar em “as 18 armas”. Entretanto, limitar as armas do Wu Shu a este número seria uma simplificação tosca. Das cujo formato e conhecimento chegaram aos nossos dias, contam-se centenas. Mais difícil, ao longo dos séculos, foi transmitir os respectivos conhecimentos técnicos e táticos, bem como as sequências, katis, relacionadas a elas. Essa nomeação começou na Dinastia Yuan (1271–1368). Ela na verdade é a nomeação geral das armas, não tem nenhuma definição fixa, nem consiste só em 18 tipos de armas. Mesmo assim, ela tem sido utilizada como referência. A arma tradicional e mais utilizada nos métodos de Shaolin, que serviu, inclusive, de referência para a criação de técnicas e sequências para outras armas, foi o bastão. O Bastão, em Sânscrito Vajra, tem sido uma arma frequente ao logo da história do budismo marcial.

Algumas armas clássicas do Kung Fu. Na figura vê-se a alabarda, Kwan Tao, as espadas flexíveis, os facões, as facas garra de tigre, etc.

FIGURA 1: ARMAS CLÁSSICAS DO KUNG FU



Dentro da clássica bipartição Taoísta, as armas foram divididas em Yin e Yang, masculinas e femininas. Assim uma espada seria feminina e Yin, enquanto um facão (ou espada curva, arma semelhantes a clássica adaga muçulmana) masculino e Yang, um bastão masculino e Yang e uma lança feminina e Yin. Algumas armas exigem, assim, técnicas mais sutis e furtivas como a espada, que se destaca por sua função perfurante. Outras, como o facão, exigem mais vigor e força em sua utilização, primando pela sua função cortante.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A constatação inicial é a de que, para além se sua inserção numa lógica de Estado e eficiência bélica, já, em grande medida, esvaziada, em função dos avanços tecnológicos dos últimos duzentos anos, as artes marciais chinesas sobreviveram por seu conteúdo ideológico e mítico, articulado de forma íntima e inseparável, aos valores constituintes da noção de tradição e nacionalidade chinesa.

Do chamado Império do Meio à China dos dias atuais, uma série de rupturas e continuidades fazem eco nas transformações vividas pelas artes bélicas em um Estado premido continuamente pela necessidade de defesa e manutenção de soberania. Este pequeno ensaio, publicado como livro de bolso, não pretendeu ser mais que um resumo da historiografia atual que aborda o tema.

Me abstive de considerar as particularidades do moderno Wu Shu da China comunista pós 1949, bem como de tecer considerações demoradas sobre o século xx, o que demandaria outro ensaio de não menos interesse e relevância, mas, que fugiria à nossa proposta inicial. Destaco, também, que, embora seja praticante da tradição Shaolin do Norte, não pretendi aqui elaborar um manual técnico, mas, simplesmente apresentar o estado atual da bibliografia.

A lenda de Bodhidharma e o mito de ancianidade que a partir dela se construiu, bem como a pré-existência de oráculos, altares e referenciais sagrados nas Montanhas Song, fez de Shaolin um ícone não apenas do Budismo Chan, mas da religiosidade, do nacionalismo e da marcialidade chinesas.



A China Pós 1949, reuniu os muitos estilos antigos, procurando despi-los de sua roupagem sagrada, destituí-los de sua transcendência e criar o performático e acrobático Wu Shu moderno. Com a Revolução Cultural, mestres e monges taoístas e budistas foram torturados e mortos ou se refugiaram nos países ocidentais, onde suas tradições associadas à antiga china, pretensamente “burguesa” não fossem perseguidas.

Episódio significativo ocorreu ha alguns meses atrás, quando a população da China, organizada por professores e literatos de diversa extração saiu às ruas para protestar contra o conteúdo didático dos livros de história japoneses. As informações sobre o massacre de Nanquim (1937-38) não são mencionadas nas escolas publicas japonesas em manuais sobre a história da Segunda Guerra Mundial. Por determinação do governo Japonês após o massacre de Nanquim, os motivos nunca foram esclarecidos ou questionados por autoridades internacionais, provocando instabilidade em relações diplomáticas entre os países da Ásia.<sup>20</sup>

A reconstrução de Shaolin, a transformação de seus monges, em meados da década de 1980, em “ícones pop” e a padronização dos estilos são parte das recentes reconfigurações e adaptações resultantes da abertura de mercado pela qual vem passando a China Contemporânea. O crescimento da economia foi acompanhado pelo surgimento do cinema épico que faz lembrar a antiga literatura heróica e traz para as telas o desejo de vitória sobre antigos inimigos abrindo a cultura do Grande Dragão a influências ocidentais.

Relembrar Shaolin nos albores do Século XXI é, não só, atestar a atualidade do Budismo enquanto catalisador de atenções

no ocidente e no oriente, mas, também, constatar o quanto do mito do Herói chinês clássico ainda permanece no imaginário dos chineses atuais, bem como na cultura de quantos admiram sua marcialidade e seus códigos de honra e espiritualidade.

---

[20]. Um estudo competentemente elaborado e impressionante pelos detalhes sobre o “Estupro de Nanquin” pode ser encontrado em: YOSHIAKI, Yoshimi, *Comfort Women, sexual slavery in the Japanese military during World War II*, ed. Columbia University Press, 2000.

## GLOSSÁRIO

**Wushia:** literatura épica chinesa, repleta de referências a trajetórias de guerreiros e seus combates, cujas origens remontam ao século I DC.

**Alabarda:** é uma antiga arma composta de uma longa haste, que é rematada por uma peça pontiaguda de ferro, atravessada por uma lâmina em forma de meia-lua, assemelhando-se a uma lâmina de machado.

**Ancianidade:** Qualidade de ancião; velhice, antiguidade.

**Artes legatárias:** aquelas a quem se deixou um legado.

**Ascese:** exercício de devoção e meditação religiosa;

**Doutrina Mushin:** deriva primariamente de *muga*, *wu-wo*, *anatman*, “não-ego”, “não-identidade”, que é a principal noção do Budismo, tanto Hinayana quanto Mahayana.

**Estelas:** pedra vertical monolítica, em que os antigos faziam inscrições ou esculturas; fuste de coluna truncado, sem base nem capitel.

**Lótus Branca:** representa a total pureza da mente e perfeição espiritual. Normalmente tem 8 pétalas que correspondem ao caminho da óctupla senda. Ela é tipicamente associada às flores dos Budas.

**Mambembes:** artistas saltimbancos.

**Maytreya:** como é designado o renovador do budismo, o próximo Buda, que reiniciará o atual ciclo iniciado por Siddhartha Gautama, quando os ensinamentos deste tiverem sido esquecidos neste mundo.

**Pali:** é um dialecto indo-europeu médio, ou prácrito. Pode-se dizer que o pāli é uma forma simplificada de sânscrito. A sua fama advém de ser a língua na qual foram registradas as escrituras do budismo theravada, conhecidas como o cânon pāli no Sri Lanka no século I a.C.

**Sutras:** No Budismo, o termo “sutra” se refere de forma geral às escrituras canônicas que são tratadas como registros dos ensinamentos orais de Buda Gautama.

## REFERÊNCIAS

APOLLONI, Rodrigo Wolff. **Shaolin à brasileira:** estudo sobre a presença e a transformação de elementos religiosos orientais no kung fu praticado no Brasil. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 2004 (Dissertação de Mestrado).

BRAUDEL, Fernand. O capitalismo fora da Europa. In: **Civilização material, economia e capitalismo:** séculos XV-XVIII. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 519-536.

BRUIT, Hector H. O Assalto ao Dragão. In: BRUIT, Hector H. **O Imperialismo.** São Paulo: atual, 1994, p.38-48.

DERRICKSON. **Chinese for the Martial Arts.** Rutland: Charles E. Tuttle, 1996.

GRANET, Marcel. **A Civilização Chinesa.** Rio de Janeiro: Forni, 1979.

\_\_\_\_\_. **Pensamento Chinês.** Lisboa: Contraponto, 1997.

\_\_\_\_\_. **La religion des Chinois** (1922). Les Presses universitaires de France, 2. ed. Paris, 1951. 177 p.

HOLCOMBE, C. **Theater of Combat:** A critical look at the Chinese Martial Arts”, disp. Em <http://www.sino.uni-heidelberg.de/FULLTEXT/JR-ADM/holcom.htm> (c. 25.08.2003).

HONG, F. **Iron Bodies: Women, War and Sport in the Early Communist Movement in Modern China**”, *Journal of Sport History*, v. 24, n.1, primavera de 1997

HUNT, L. **Kung Fu Cult Masters: From Bruce Lee to Crouching Tiger**. Londres: Wallflower, 2003.

**INFORMAÇÕES SOBRE O CONCEITO TAOÍSTA DE YIN E YANG**, Disponível em: <http://www.wsu.edu:8080/~dee/CH-PHIL/YINYANG.HTM> (c. 09.01.2004).

QIN, JIANG **Biografia**. Disponível em: <http://www.bartleby.com/65/ji/JiangQin.html> (c. em MARITAL PROBLEMS, DOMESTIC ABUSE PLAGUE CHINA'S WOMEN), mat. Não assinada. In *People's Daily*, edição de 09.03.2003, Disponível em: [http://english.peopledaily.com.cn/200303/09/eng20030309\\_112987.shtml](http://english.peopledaily.com.cn/200303/09/eng20030309_112987.shtml) (c.10.04.2004). Editora Vozes, 2002.

KWOK WAY, Chan; VEIGAS, Ariovaldo F. A. **Kung Fu Shaolin do Norte: técnicas básicas, 1 e 2 Kati**. São Paulo: Bio Express, 1996.

**Les Mémoires historiques de Se-ma Ts'ien. Introduction**. Tome premier. Librairie d'Amérique et d'Orient Adrien Maisonneuve, Paris, 1967. 149 p.

MASPERO, Henri (1883-1945). **Histoire et Institutions de la Chine ancienne: L'antiquité, l'empire des Ts'in et des Han**, PUF, Paris, 1967. 79 p.

MEYERS, et. al. **From Bruce Lee to the Ninjas: Martial Arts Movies**. New York: Carol Publishing Group, 1991.

PRASHAD, V. **Everybody was Kung-Fu Fighting**. Boston: Beacon Press, 2001, 256 p.

GROUSSET, René. (1885-1952). **Histoire de l'Asie**. Paris: Les Presses universitaires de France, 1941 et 1944, 128 p.

SHAHAR, M. **Epigraphy, Buddhist Historiography, and Fighting Monks: The Case of The Shaolin Monastery**”, inédito, 21 p.

\_\_\_\_\_. “Ming-Period Evidence of Shaolin Martial Practice”. In: **Harvard Journal of Asiatic Studies**, vol. 61, n. 2, dez. 2001, p. 359 a 413.

\_\_\_\_\_. Evidências da Prática Marcial em Shaolin durante o Período Ming. In: **Revista de Estudos da Religião**. PUC/ SP, n 4, 2003. p. 135.

**SUN-TSE: L'art de la guerre**, dans **Sun Tse et les anciens Chinois Ou Tse et Se-ma Fa**. Tradução P. Amiot, présentation, annotations Lucien Nachin. collection Les Classiques de l'art militaire, Editions Berger-Levrault, Paris, 1948. 184 p.

XINRAM, **As Boas Mulheres da China**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

YAO, Xinzong. **Religiões Chinesas**. In: BOWKER, John. **O livro de ouro das religiões: a fé no Ocidente e no Oriente da Pré-História aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. p.194.

FORMATO *15x21 cm*  
TIPOLOGIA *Alegreya*  
Nº DE PÁG. 59

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE- EDUFCG

